

A vastidão do universo particular

O espetáculo *A Maravilhosa Princesa de Bolinhas*, da Téspis Cia de Teatro, apresentado no Cine Santana, na 38ª Edição do Festivale, com direção de Hedra Rockenback, é um convite para explorar um universo fantástico onde arte, tecnologia e imaginação se encontram. Inspirado pela obra da artista japonesa Yayoi Kusama, a montagem cria um ambiente imersivo de bolinhas instigando o público a interagir e criar suas próprias histórias dentro desse espaço onírico.

A construção visual é o elemento central do espetáculo, que transforma o palco em um universo infinito de bolinhas. A cenografia, desenvolvida sob a direção de Hedra Rockenbach, utiliza recursos como luz negra, imagens geradas por inteligência artificial e projeções para expandir o espaço cênico, criando a ilusão de que o ambiente não possui limites. Essa estratégia remete diretamente à obra de Kusama, cujos *Infinity Rooms* exploram a sensação de vastidão e a repetição obsessiva de padrões. No espetáculo, essa estética é traduzida de forma acessível e lúdica, conectando-se ao público infantil por meio do encantamento visual.

A interação entre a atriz Denise da Luz e os cenários é outro ponto alto da montagem. Vestida como uma extensão do universo de bolinhas, ela se movimenta de maneira coreografada, dialogando com os elementos projetados e integrando seu corpo à ambientação. Essa fusão entre corpo e cenário amplia as possibilidades narrativas, permitindo que a atuação não apenas conte a história, mas também a insira na linguagem visual. Sua presença em cena transita entre o lúdico e o poético, conferindo humanidade e emoção ao ambiente hipertecnológico.

A tecnologia é usada de maneira criativa e sensível. As imagens geradas por IA não se limitam a impressionar pela novidade; elas servem para provocar a imaginação da plateia e, a cada cena, novas configurações visuais são apresentadas, transformando o palco em um caleidoscópio de cores e formas. Além disso, a trilha sonora e os

efeitos sonoros – também concebidos por Hedra Rockenbach – complementam a experiência sensorial, alternando entre momentos de imersão contemplativa e estímulos mais dinâmicos que capturam a atenção do público infantil.

Um dos méritos do espetáculo é sua proposta interativa. Embora a narrativa central seja deliberadamente aberta, a encenação cria uma estratégia para estimular a criatividade das crianças. Essa abordagem dialoga diretamente com a obra de Kusama, que frequentemente convida os espectadores a se perderem em suas instalações e interpretarem a arte de forma subjetiva.

Ao abdicar de uma narrativa linear e de diálogos, o espetáculo se posiciona como um campo aberto à subjetividade. A dramaturgia de Denise da Luz e Hedra Rockenbach não entrega uma história tradicional, mas constrói uma sequência de imagens e movimentos que estimulam a plateia a preencher as lacunas narrativas com suas próprias interpretações. Essa abordagem ressoa com o público infantil, que frequentemente se engaja mais pela experiência sensorial e emocional do que pela lógica sequencial de uma história.

A ausência de fala também amplia o impacto visual e sonoro, permitindo que o foco permaneça na interação entre o corpo da atriz e os elementos cênicos. Essa escolha reforça a ideia de que a comunicação no espetáculo transcende palavras, evocando emoções e ideias por meio de imagens e sons.

Mais do que espectadores passivos, as crianças e seus acompanhantes são absorvidos pela ambientação imersiva, sentindo-se parte do infinito mundo colorido que se expande ao redor. O design de luz negra cria a ilusão de que as bolinhas transcendem o palco e invadem a plateia, envolvendo todos em um espaço compartilhado. No espetáculo, essa ideia é traduzida em cena por meio de uma conexão orgânica entre corpo, luz e encenação.

A Maravilhosa Princesa de Bolinha é uma experiência visual e sensorial que dialoga com os conceitos de hibridismo e contemporaneidade propostos pela curadoria de

Fabiana Monsalú, Reginaldo Nascimento e Simone Carleto. Inspirando-se na obra de Yayoi Kusama, o espetáculo combina arte, tecnologia e uma atuação encantadora para construir uma narrativa visual potente, a montagem convida crianças – e adultos – a explorar as infinitas dimensões de suas próprias histórias em um espaço que celebra o poder da imaginação.

Bob Sousa é fotógrafo, pesquisador, crítico e doutorando em Artes Cênicas no Instituto de Artes da Unesp, onde tem Mestrado em Artes, e jurado de Teatro da APCA - Associação Paulista de Críticos de Artes e do Prêmio Arcanjo de Cultura